

A Casa Ferreira da Costa - Miranda dos Santos, foi projetada pelo arquiteto Álvaro Siza em 1962. A obra ficou concluída em 27 de setembro de 1965.

A casa foi projetada e construída numa parcela que resultou de um estudo urbanístico elaborado para o local, designado por “Urbanização da Azenha de Cima”.

O talhão constituído, com 620 m², tem frente nascente para a Rua da Azenha de Cima e frente sul para um troço de arruamento que conduz a uma praça designada por “Praça de Lavadores”, integrando esse mesmo troço de arruamento esta denominação toponímica. A implantação na parcela, é referenciada à implantação prevista no estudo urbanístico, concentrando a área nuclear da casa, com dois pisos, no perímetro estabelecido, mas criando pequenas extensões em todas as direções.

A casa foi mandada construir por Fernando Ferreira da Costa, diretor comercial, casado com a escritora Luísa Dacosta. A conceção do seu projeto por Álvaro Siza, teve como parâmetro a necessidade de concentração da escritora no seu trabalho.

Luísa Dacosta, nascida em 16 de fevereiro de 1927, em Vila Real, faleceu em 15 de fevereiro de 2015, em Matosinhos, foi uma escritora de grande talento, professora do ensino público, crítica em páginas literárias de diversos jornais e colaboradora em revistas, nomeadamente, Seara Nova, Vértice, Vida Mundial, Raiz e Utopia, Gazeta Musical e de Todas as Artes e de Colóquio de Letras.

A casa foi comprada por José Aníbal de Castro Miranda Santos, em finais da década de 1980. O novo proprietário empreendeu obras de recuperação na casa, que se encontrava muito degradada quando a adquiriu, obras essas que foram projetadas e conduzidas por Álvaro Siza. Foram introduzidas algumas alterações interiores, abertos alguns novos vãos exteriores e substituídos equipamentos e materiais de revestimento, que nada retiraram ao projeto inicial. Toda o mobiliário da casa foi desenhado por Álvaro Siza.

Em 17 de junho de 1996, José Aníbal de Castro Miranda apresenta pedido para ampliação da garagem da casa, na zona sul, com projeto da autoria de Álvaro Siza. Em 17 de fevereiro de 2000, o mesmo José Aníbal de Castro Miranda Santos apresentou novo pedido, agora para construção de um corpo de garagem na zona norte da parcela, com projeto também da autoria de Álvaro Siza.

Esta obra de Álvaro Siza revela uma forte presença da leitura da arquitetura popular portuguesa trazida pelo *Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa*, que decorreu de 1955 a 1960, em particular pela leitura moderna de Fernando Távora. Essa presença é articulada com a espacialidade e a interação volumétrica do objeto arquitetónico com o contexto, próprias da arquitetura de Alvar Aalto, com a qual Álvaro Siza contactava. Estas características estão presentes na sala comum que ocupa o centro da habitação e que comunica, de forma mais ou menos direta, com todos os outros espaços incluindo o andar no seu todo, ao qual se acede pela escada presente num dos extremos da sala, junto à entrada na habitação.

A casa tem uma estrutura resistente mista, de pilares de betão armado e paredes de granito. As lajes de pavimento e da cobertura são aligeiradas com elementos cerâmicos vazados e nos telhados é utilizada a telha de canudo. As paredes são rebocadas e pintadas e as caixilharias são, na sua quase totalidade, em madeira envernizada.

José Salgado, no seu livro *Álvaro Siza, em Matosinhos*, editado pela Câmara Municipal de Matosinhos em 1986, refere-se a esta casa como *Habitação “introvertida”, numa zona de urbanização recente, afirma-se exteriormente por volumes com um certo carácter “anti-urbano”*. De facto, há nesta casa uma leitura do lugar que vai para além dos parâmetros urbanísticos impostos pela urbanização, leitura essa que tanto envolve a construção como os espaços livres da parcela.